

NEGÓCIO

O Delegado Fiscal da 10ª Circunscrição do Distrito Federal acaba de começar a prometida caça aos tubarões que o presidente Vargas anunciou. Fêz lavar auto de flagrante contra um negociante inescrupuloso, ordenando inclusive "o imediato fechamento do mesmo (negócio), sob pena, de ser feita a interdição com o auxílio da força pública e independente de notificação". Trata-se do pintor Emiliano Di Cavalcanti, que "dera início ao seu negócio de pintura, sem alvará de localização, à Praia de Botafogo, n. 218".

Esse negócio de pintura, senhor delegado fiscal, é um negócio complicado. No fundo não é um comércio, é uma indústria. E esse senhor Di Cavalcanti é, afinal de contas, uma usina. Não parece: quem o vê julga estar vendo apenas um senhor de cabelos de prata, robusto, de braços curtos — que de algum tempo a esta parte leva habitualmente a tiracolo uma bela senhora inglesa, de cabelos de fogo.

Pois não é homem, é usina. Vendo-o trabalhar, o senhor delegado fiscal talvez pense que seu negócio é apenas comprar alguns tubos de tinta, uma tábua chamada paleta, um pano chamado tela — e, com ajuda de pincéis, espalhar as tintas no pano, deixar secar e vender. Se a COFAP apurasse o custo desse material, e visse depois o preço do quadro, Emiliano Di Cavalcanti iria parar, certamente, em um banco de réus desses "jurinhos" que o nosso Presidente inventou para o povo acreditar que "está fazendo justiça pelas próprias mãos", quando está apenas chateando o português da esquina. O qual pode ser um bilatre, um aldrabão, um calhorda, mas diante dos grandes tubarões oceânicos não chega a ser sequer uma pequena traíra de açude.

Ora, acontece que nem a COFAP nem mesmo o senhor delegado fiscal (com seu olho de lince) enxerga a usina. A usina está escondida dentro do homem. E' lá que tudo se transforma e tudo se cria, no metabolismo de sensações que faz parte desse estranho negócio chamado pintura. O reflexo de um raio de sol ou de uma fogueira perdida em uma noite da infância, a curva de um joelho antigo, a lembrança do ângulo e da flor, da boca triste, do barco longe, da fumaça vagabunda, que digo eu? o eco de uma canção, a sombra de uma tristeza, sem motivo — tudo ali é matéria-prima que se mistura e combina para criar um nada, uma vontade, alguma coisa que faz o braço se esguer, os olhos verem através do modelo, a mão se mover devagar, criando linhas e cores. E' um negócio danado, senhor delegado fiscal: aquele homem gordo vende produtos feitos com a mão e com o sonho, com os olhos e com a vida. E' um tubarão do sentimento e da sensibilidade, e sua presença envergonha toda a 10ª Circunscrição. Energia, energia, senhor delegado fiscal. — R.B.

3/1/52